

TEMATIZANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA PERSPECTIVA CULTURAL: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Andréia Magalhães de Brito¹
Rilda Rejane Batista de Castro²

RESUMO: Trata-se de um relato das experiências adquirido no contexto do estágio curricular supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física da Uneb/Campus XII-Guanambi/Ba. Tendo como objetivo apresentar as experiências adquiridas no contexto do estágio curricular supervisionado no espaço escolar. A prática pedagógica, pautada nos pressupostos da Perspectiva Cultural, foi concretizada através da inter-relação de diversos momentos interdependentes entre si: primeiro observamos as turmas e as aulas da professora regente; o segundo refere-se à identificação das representações dos alunos sobre a Educação Física e mapeamento das práticas corporais; o terceiro foi marcado pela tematização/vivência/problematização das práticas corporais mapeadas, buscando desvelar os marcadores sociais implícitos e tratados de modo acrítico. Os resultados permitiram identificar diversos marcadores sociais, principalmente aqueles relacionados às questões de gênero no futebol e na tematização do dia do brinquedo, fazendo-nos perceber que a construção dessas questões são muito mais amplas e complexas e perpassam por um longo processo cultural. Ao discutirmos acerca dessas ideias, explicamos aos alunos que elas são construídas e disseminadas e por mais que discordemos delas, em alguns momentos acabamos por incorporar esses discursos. Durante as intervenções procuramos fazer com que os alunos compreendessem que a Educação Física não se resume somente ao ato de brincar, descontextualizado das influências culturais, que determinam inclusive diversos marcadores sociais, tratados de modo acrítico no espaço escolar e fora dele. Mediante as discussões empreendidas as experiências adquiridas foram oportunas ao possibilitar o contato direto com a escola na medida em que os alunos e a professora regente adquiriram um novo olhar acerca da Educação Física. Por meio das práticas e discussões empreendidas através de espaços, perceberam a gama de oportunidades de práticas e vivências corporais que o componente curricular oferece, além de contribuir para construção da identidade e desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Docência. Educação Física escolar. Estágio.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato das experiências adquirido no contexto do estágio curricular supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física da Uneb/Campus XII-Guanambi/Ba, no campo escolar.

Percebemos que o estágio supervisionado é um momento muito importante na vida dos discentes, pois é nessa fase que se encontra a possibilidade de colocar em prática os

¹ Graduanda em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, andreiamb.ef@hotmail.com

² Graduanda em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, rildamati09@hotmail.com

fundamentos teóricos que são ensinados na graduação, correlacionando-os ao cotidiano escolar. Segundo Andrade (2005, p. 02) *apud* Silva (2010, p. 02).

O estágio é uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciado vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade, com a instituição escolar que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete.

Para Oliveira e Cunha (2006, p. 7), o objetivo do estágio supervisionado é proporcionar ao aluno a oportunidade de validar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. Espera-se que, com isso, o aluno tenha a opção de incorporar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica de sua área de atuação profissional.

Desse modo, o estágio é um ciclo fundamental para o professor em formação, pois propicia a prática de como é estar na direção de uma sala de aula, partilhando o dia a dia da escola pública, seu contexto e sua estrutura.

Este trabalho tem como objetivo, apresentar as experiências adquiridas no contexto do estágio curricular supervisionado do curso de licenciatura em Educação Física no espaço escolar, do segundo semestre de 2014 numa escola da rede municipal da cidade de Guanambi-Ba, bem como algumas reflexões necessárias e inerentes ao processo.

O CAMINHO METODOLÓGICO

A prática pedagógica foi concretizada através da inter-relação de diversos momentos interdependentes entre si. O primeiro deles foi a observação: após inserção no contexto escolar, observamos por algum tempo as turmas e as aulas da professora regente, a fim de ter um primeiro contato, perceber as peculiaridades e as características dos alunos, assim como a escola, sua estrutura, os espaços que a compreendem e os atores sociais nela presentes.

No segundo momento, na turma do 2º ano, buscamos identificar quais as representações compartilhadas pelos alunos sobre a Educação Física e, em seguida, realizamos um mapeamento, cuja característica mais marcante é “o olhar atento às culturas que orbitam no universo escolar” (NEIRA, 2011, p. 112). Lançamos mão de desenhos, textos, “mapas” e frases realizadas pelos alunos para “identificar as práticas corporais que estavam

disponíveis aos alunos, assim como aquelas que estão no entorno da escola ou no universo corporal mais amplo” (NEIRA, 2011, p. 107). Vale ressaltar que o mapeamento inicial somente foi realizado na turma do 2º ano, pois essa estratégia já tinha sido realizada no 1º ano, turma na qual realizamos estágio no primeiro semestre deste ano.

O terceiro momento se deu a tematização/vivência/Problematização das práticas corporais mapeadas. Buscamos desvelar os marcadores sociais implícitos e tratados de modo acrítico nas práticas a que os alunos tinham acesso. Durante esse momento, procuramos dar voz aos jeitos de brincar dos discentes e também buscamos aprofundar os conhecimentos que os alunos possuíam sobre as manifestações estudadas, a fim de possibilitar “um entendimento maior dos significados comumente atribuídos à prática corporal objeto de estudo” (NEIRA, 2011, p. 135).

Dessa forma, procuramos ampliar os saberes dos educandos acerca das práticas culturais através de vídeos, documentários etc., de modo que tivessem contato com “outros discursos e fontes de informação, preferivelmente, aqueles que traziam olhares diferentes e contraditórios com as representações e discursos acessados nos primeiros momentos (NEIRA, 2011, p. 135)”.

Lançamos mão de registros reflexivos que continham nossas impressões, conquistas, descontentamentos, e outros aspectos do dia a dia das aulas. Para análise dos dados partimos da categorização de alguns fatos, como a identificação dos marcadores sociais como as questões de gênero; os pontos positivos e as dificuldades do processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática pedagógica se configurou por diferentes momentos, já descritos anteriormente. No primeiro deles, no qual observamos as aulas da professora, não tivemos tantas dificuldades de adaptação, pois foi com a turma na qual realizamos o estágio de intervenção no semestre passado. Pode-se perceber que os alunos ainda continuam muito agitados, com posturas de desrespeito, fazendo com que a professora se altere. Já na outra turma, percebemos que os alunos eram mais contidos, não dificultavam tanto o trabalho da docente, eram mais tranquilos. No entanto, mesmo com as implicações da prática pedagógica, a professora por diversas vezes tentava manter a calma e o equilíbrio e se esforçava para realizar as atividades que se propunha a fazer.

No segundo momento aconteceu o mapeamento, na turma do 1º ano, deu-se a continuidade das práticas mapeadas no primeiro semestre deste ano, já na turma do 2º ano

empreendemos ações a fim de identificar as práticas que faziam parte das vivências dos alunos, dentro, fora da escola ou no universo cultural mais amplo. Na turma do 1º ano, como as práticas já haviam sido mapeadas no semestre anterior, empreendemos um novo mapeamento, a fim de identificar os conhecimentos que os alunos possuíam sobre o futebol, para caracterizar o tema a ser estudado (NEIRA, 2011). Estas ações possibilitaram reunir “informações, que sem dúvida [...] [minimizaram] a incidência de improvisos e uma eventual descaracterização das atividades de ensino previamente elaboradas” (NEIRA, 2011, p. 112).

Ao indagar os alunos acerca de quem jogava futebol, a maioria das respostas se referia aos meninos, mesmo as das meninas. Perante estas afirmações percebemos as questões de gênero embutidas na prática, disseminadas e presentes nos discursos. No 2º ano, ao realizarmos o mapeamento, procuramos identificar as manifestações corporais pertencentes ao universo cultural dos alunos através de uma atividade na qual deveriam desenhar um mapa das práticas que realizavam no percurso de casa para a escola e nesses dois ambientes. Muitos desenhos foram iguais e as manifestações mapeadas consistiram no futebol, pega-pega, pular corda, esconde-esconde, cabo de guerra, peteca, pipa, brincar de boneca, brincar de carrinho, dentre outras.

O terceiro momento da prática pedagógica foi marcado pela tematização/vivência/problematização das manifestações corporais. Iniciamos com o futebol nas duas turmas.

Durante as vivências percebemos que meninos e meninas se posicionaram contra o fato de jogarem juntos, dizendo que “elas são muito ruins”, “não sabem jogar futebol”, e quando perguntados sobre as causas, muito deles atribuíam “essa culpa”, única e exclusivamente às meninas, revelando discursos hegemônicos e culturalmente disseminados que atribuem à menina a culpa pela falta de habilidades para a prática do futebol, sem levar em conta os fatores sociais e culturais que interferem fortemente nesse discurso.

Quando problematizamos as questões de gênero através de um vídeo (Jogo de Vôlei-Turma da Mônica), desvelando a construção cultural das representações compartilhadas acerca da prática do futebol pelas meninas, muitos alunos disseram que o futebol pode ser jogado por ambos os sexos, “não é só jogo de homem, é de mulher também”, entretanto ao pedirmos que completassem a frase: “futebol é jogo de...”, a maioria das respostas era “homem”, revelando discursos preconceituosos no que diz respeito à prática.

Durante as discussões, ao incitarmos os alunos dizendo que muitos meninos tem certa facilidade com a prática do futebol, devido ao contato com a bola desde cedo, quando seus pais, por exemplo, lhes dão presentes característicos do esporte como uniformes de times,

algumas meninas disseram que “não tem nada a ver”, pois elas também desde novas tiveram contato com a bola e a ganharam de presente, mas com o passar do tempo abriram mão da prática porque não gostavam e por “ter a cara dos meninos”. Vivenciamos também outras brincadeiras com bola, a fim de ampliar as vivências dos alunos, como o bobinho com as mãos e com os pés, este último o mais apreciado pelos discentes, o baleado e a brincadeira “lá vai a bola”.

Outra manifestação tematizada foi o dado, na qual construímos o brinquedo junto com os alunos, levamos o desenho do dado e os alunos deveriam recortá-lo e colar. Depois desse momento, os discentes vivenciaram a brincadeira e se divertiram muito. No entanto, percebemos que por mais que gostassem da brincadeira, os alunos não se prendiam a ela por muito tempo.

Assim como no futebol, durante o “dia do brinquedo”, nas duas turmas surgiram as questões de gênero. Antecipadamente pedimos aos alunos que trouxessem os brinquedos que brincavam em suas casas, e foram os mais tradicionais: bonecas e ursinhos de pelúcia pelas meninas, carrinhos, coleção de revistas de moto e futebol de botão pelos meninos. Pedimos um a um, para que apresentassem seus brinquedos e dissessem o motivo de terem levado, alguns disseram que haviam levado seus brinquedos porque eram seus favoritos, outros porque o pai e a mãe não deixavam levar.

Quando perguntamos quais os outros brinquedos que tinham em casa, as meninas disseram que tinham brinquedos de cozinha e barbies, e os meninos disseram que tinham bolas, armas de brinquedo, outros carrinhos. Indagamos alguns meninos se tinham bonecas em casa, muitos deles sorriram e em unanimidade afirmaram que “boneca é coisa de menina”, e que, além disso, não podiam brincar, pois seus pais e suas mães não compravam. Então indagamos: “quem disse boneca é coisa de menina?” Eles então disseram que “todo mundo fala isso”, inclusive seus pais, revelando-nos que a construção das questões de gênero são muito mais amplas e complexas e perpassam por um longo processo cultural. Então discutimos acerca dessas ideias, explicando para eles que essas ideias são construídas e disseminadas pelos nossos pais, avós e por mais que discordemos delas, em alguns momentos acabamos por incorporar esses discursos.

Durante as intervenções, enfrentamos muitos impasses, em especial no que concerne ao desenvolvimento das aulas, principalmente na turma do 1º ano, os alunos eram muito agitados, gritavam, desrespeitavam os colegas, a nós e à professora. Por diversas vezes o processo foi muito desgastante, irritante e cansativo, fato pelo qual inclusive fez-nos refletir e

entender a postura docente no que diz respeito à falta de motivação pelo trabalho, que perpassa também por outras facetas, que neste momento não cabe aqui serem discutidas.

Diante desse fato, procurávamos sempre que possível realizar a roda de conversa no final das aulas, ou quando estas não eram possíveis, ao retomarmos os acontecimentos no início de cada aula, discutíamos com os alunos acerca dos combinados descumpridos, das condutas, enfim sobre os pontos negativos que na maioria das vezes sobressaíam os pontos positivos. No entanto apesar das discussões empreendidas, das reflexões e das possíveis soluções propostas pelos alunos, eles continuavam a reproduzir e fazer as mesmas coisas, prejudicando consideravelmente o trabalho desenvolvido.

Cabe aqui ressaltar que apesar de todos esses problemas ocorridos ao longo do processo, acreditamos que o estágio representou espaço de contribuições tanto para nós, futuras docentes, pelo contato direto com realidade concreta e desgastante da prática educativa, quanto para os alunos, enquanto sujeitos que tiveram suas vozes validadas e valorizadas no espaço escolar, além de perceberem que a Educação Física não se resume somente ao ato de brincar, descontextualizado das influências culturais, que determinam inclusive determinados marcadores sociais, que são tratados de modo acrítico no espaço escolar e fora dele.

CONCLUSÕES

Durante todo esse processo de descobertas e aprendizagem, que foi muito relevante para a nossa formação acadêmica, refletimos sobre a importância do papel do professor no processo de mediação do conhecimento e ainda mais, fez-nos reconhecer que o aluno é o sujeito ativo no processo da aprendizagem.

Apesar dos diversos impasses que ocorreram durante o período do estágio como as posturas de desrespeito dos alunos, prejudicando consideravelmente nossas aulas, nossos objetivos foram minimamente alcançados, pois acreditamos que os alunos e a professora regente adquiriu um novo olhar da Educação Física mediante as práticas e discussões empreendidas através de espaços, nos quais perceberam a gama de oportunidades de práticas e vivências corporais que o componente curricular oferece.

Por tudo isso, o estágio representou espaço/tempo de aprendizagem, ao possibilitar o contato direto com a dinâmica e cotidiano escolar, que nesse caso é o lócus da formação docente, onde as experiências para além do âmbito acadêmico efetivamente acontecem, contribuindo para construção da identidade e desenvolvimento profissional.

REFERÊNCIAS

SILVA, M. L. S. F. **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática**. Natal: Ed. UFRN, 2005.

NEIRA, M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.

OLIVEIRA E.S. G. O estágio supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. **Revista de Educación a Distancia**. Ano V, n. 14, 2006.